



ANNE BOYER
AS QUE NÃO
MORREM

DOR
VULNERABILIDADE
MORTALIDADE
MEDICINA
ARTE
SONHOS
TEMPO
INFORMAÇÃO
EXAUSTÃO
CANCRO
CUIDADOS

TRADUÇÃO
MIGUEL CARDOSO

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X X I

© 2021, Anne Boyer
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 — E.10
1750-149 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *The Undying: Pain, vulnerability, mortality, medicine, art, time, dreams, data, exhaustion, cancer, and care*

Copyright © 2019 by Anne Boyer

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução do todo ou de partes, em qualquer formato.

Título: *As Que Não Morrem: Dor, vulnerabilidade, mortalidade, medicina, arte, sonhos, tempo, informação, exaustão, cancro e cuidados*

Autora: Anne Boyer

Tradução: Miguel Cardoso

Revisão: Tinta-da-china

Composição: Tinta-da-china

Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Outubro de 2021

ISBN 978-989-671-633-2

Depósito Legal n.º 488711/21

Obra apoiada no âmbito do Concurso de
Tradução de Obras Literárias da Fundação
Luso-Americana para o Desenvolvimento

FLAD

Nem que tivesse dez línguas, ou dez bocas

— *A Ilíada*'

ÍNDICE

Prólogo	9
Os incubantes	17
O nascimento do pavilhão	51
O leito do doente	93
De como o oráculo se cumpriu	139
O embuste	163
No templo das lágrimas de Giuletta Masina	201
Vida consumida	239
A morte em directo	253
Epílogo	273
Notas	283
Bibliografia	295
Agradecimentos	299

PRÓLOGO¹

Em 1972, Susan Sontag planeava escrever uma obra a que chamaria «Sobre as Mulheres Que Morrem» ou «Mortes de Mulheres» ou «Como Morrem as Mulheres».* No seu diário, sob o cabeçalho «material», Sontag listou 11 mortes, que incluíam a morte de Virginia Woolf, a morte de Marie Curie, a morte de Joana d'Arc, a morte de Rosa Luxemburgo e a morte de Alice James.² Alice James morreu de cancro da mama em 1892, com 42 anos. No seu diário, James descrevia o seu tumor mamário como «esta danada matéria granítica no meu peito».³ Sontag citaria esta passagem em *A Doença como Metáfora*, o livro que escreveu depois de ter feito tratamento para o seu cancro da mama, diagnosticado em 1974, quando tinha 41 anos.⁴

A Doença como Metáfora é o cancro como *nada de pessoal*. Sontag nunca escreve «eu» e «cancro» na mesma frase. Rachel Carson foi diagnosticada com cancro da mama em 1960, com 53 anos, quando estava a escrever *Silent Spring*, um dos mais importantes livros da história cultural do cancro. Carson nunca falou publicamente do cancro de que viria a morrer em 1964.⁵ As entradas do diário de Sontag durante o seu tratamento oncológico destacam-se pela aridez, pelo pouco que dizem. O pouco que de facto dizem é um índice do preço que o pensamento

* No original, «On Women Dying», «Deaths of Women», «How Women Die». (N. do t.)

paga pelo cancro, em consequência, sobretudo, dos tratamentos de quimioterapia, que podem ter efeitos cognitivos graves e duradouros. Em Fevereiro de 1976, quando se submetia à quimioterapia, Sontag escreve: «Preciso de um ginásio mental.» A entrada seguinte surge uns meses mais tarde, em Junho de 1976: «quando for capaz de escrever cartas, aí...»⁶

No romance de Jacqueline Susann, *O Vale das Bonecas*, de 1966, uma personagem de nome Jennifer, por medo da mastectomia, morre de overdose intencional na sequência do seu diagnóstico de cancro da mama.⁷ «Ao longo de toda a minha vida», diz Jennifer, «a palavra cancro significou morte, terror, algo a tal ponto medonho que me dava arrepios. E agora tenho-o. E o curioso nisto é que o cancro em si não me assusta de todo, mesmo que se revele uma sentença de morte. Assusta-me, sim, o que ele vai fazer à minha vida.» Também a escritora feminista Charlotte Perkins Gilman, a quem foi diagnosticado cancro da mama em 1932, se mata: «Preferi o clorofórmio ao cancro.»⁸ Jacqueline Susann, diagnosticada aos 42 anos, morre de cancro da mama em 1974, ano em que Sontag é diagnosticada.

Em 1978, a poeta Audre Lorde é também diagnosticada com cancro da mama, aos 42 anos. Ao contrário de Sontag, Lorde usa as palavras «eu» e «cancro» juntas, e fá-lo, notoriamente, nos seus *The Cancer Journals*, que incluem não só um relato do seu diagnóstico e tratamento, mas um apelo às armas: «Não quero que isto seja somente um registo do processo de luto. Não quero que isto seja somente um registo de lágrimas.» Para Lorde, a crise que foi o seu cancro da mama implicava «o exame meticuloso, por parte da guerreira, de mais uma arma».⁹ Lorde morre de cancro da mama em 1992.

À semelhança de Lorde, a romancista britânica Fanny Burney, que descobre o seu cancro da mama em 1810, escreve um

relato na primeira pessoa da mastectomia.¹⁰ O seu peito foi removido sem anestesia. Ela está consciente durante toda a intervenção:

... durante, não dias, nem Semanas, mas antes Meses, não fui capaz de falar deste terrível assunto sem o reviver! Não conseguia pensar nele impunemente! Uma pergunta bastava para me pôr doente, me desorientar — mesmo agora, nove meses depois de estar terminado, fico com dor de cabeça só de continuar este relato! & este deplorável relato...

«Escreve aforisticamente», anota Sontag no seu diário quando pondera como escrever sobre o cancro em *A Doença como Metáfora*.¹¹ O cancro da mama convive mal com o «eu» que poderia «falar deste terrível assunto» e oferecer «este deplorável relato». Este «eu» é por vezes aniquilado pelo cancro, mas outras vezes é aniquilado de antemão pela pessoa que o pronome denota, quer pelo suicídio quer por uma teimosia autoral que não permite que «eu» e «cancro» se conjuguem numa unidade de pensamento:

«[Rasurado] é diagnosticada com cancro da mama em 2014, aos 41 anos.»

ou

«Eu fui diagnosticada com [rasurado] em 2014, aos 41 anos.»

A romancista Kathy Acker é diagnosticada com cancro da mama em 1996, aos 49 anos. «Vou contar esta história como a conheço, em primeira mão», arranca «The Gift of Disease», um relato involuntariamente cândido que Acker escreveu para o *The Guardian*: «Mesmo agora, é para mim algo de estranho. Não faço ideia da

razão pela qual a conto. Nunca fui uma pessoa sentimental. Talvez o faça apenas para dizer que aconteceu.» Acker não sabe que razão a leva a contar a história, ainda assim conta-a: «Em Abril do ano passado, fui diagnosticada como tendo cancro da mama.»¹² Acker morre do cancro em 1997, 18 meses depois do diagnóstico.

Ainda que o cancro da mama possa acontecer a qualquer pessoa com tecido mamário, são as mulheres que carregam o fardo maior das suas calamidades. Estas calamidades afectam as mulheres com cancro da mama na forma de morte prematura, morte dolorosa, tratamento debilitante, debilitantes efeitos tardios dos tratamentos, perda de parceiros, rendimentos e capacidades, mas afectam-nas igualmente por via do pântano social da doença — a sua política de classe, os seus contornos de género, a distribuição racializada da morte, a sua roda dentada de instruções confusas e devastadoras mistificações.

Se poucas doenças são mais calamitosas nos seus efeitos para as mulheres do que o cancro da mama, menos ainda há que sejam tão pródigas em martírios. Estes martírios não se prendem apenas com a doença em si, mas decorrem também do que sobre ela é escrito, ou não é escrito, ou da questão de sobre ela escrever ou não, e como fazê-lo. O cancro da mama é uma doença que se impõe enquanto desconcertante questão formal.

A resposta a esta questão formal é muitas vezes a de oferecer rasuras distintas e destoantes, bem como interpretações e correcções dessas mesmas rasuras. Para Lorde, uma poeta feminista negra e lésbica, o que é rasurado é o próprio cancro, e o silêncio em torno da doença é uma porta de entrada para a política: «O meu trabalho é o de habitar os silêncios com que tenho vivido e preenchê-los comigo mesma até que neles ecoem os sons do mais luminoso dos dias, e do mais retumbante dos trovões.»¹³

Para Sontag, uma crítica cultural branca e de classe alta, é a esfera pessoal que é rasurada. Como ela escreve numa nota sob potenciais títulos para o que viria a ser *A Doença como Metáfora*: «Pensar apenas em si própria é pensar na morte.»¹⁴

Um quarto título proposto por Sontag para o artigo que nunca chegou a ser escrito era «Women and Death» [As Mulheres e a Morte]. Segundo ela, «as mulheres não morrem umas pelas outras. Não há morte ‘sororal’». Mas eu acho que Sontag estava errada. Uma morte sororal não seria a de mulheres a morrer umas pelas outras: isso seria uma morte alienada em paralelo. Uma morte sororal seria a de mulheres a morrerem de serem mulheres. A teórica *queer* Eve Kosofsky Sedgwick, diagnosticada com cancro da mama em 1991, com 41 anos, escreveu sobre as chocantes e por vezes brutais imposições de género da cultura do cancro da mama. Face ao seu diagnóstico, Sedgwick diz que o que lhe veio à mente foi: «Merda, suponho que agora terei mesmo de ser mulher.»¹⁵ Como escreve S. Lochlann Jain num capítulo intitulado «Cancer Butch», no seu livro *Malignant*, «um modesto e mimoso diagnóstico ameaça sugar-te para as entranhas da morte arquetípica que o corpo feminino oferece.»¹⁶ Sedgwick morreu de cancro da mama em 2009.

Talvez as mulheres, como alegava Sontag, não morram umas pelas outras, mas as suas mortes por cancro da mama não são destituídas de sacrifício. Ao menos nesta nossa era da «conscienzialização», essa alternativa à «cura» tão lucrativa e enfeitada de lacinhos cor-de-rosa, aquilo de que é preciso abdicar em nome do bem comum, dizem-nos, não é tanto da nossa vida, mas da história da nossa vida. O silêncio em torno do cancro da mama acerca do qual Lorde em tempos escreveu deu lugar, hoje em dia, ao alarido da extraordinária indústria de linguagem que é o cancro

da mama. Nos dias que correm, o desafio não é falar no meio do silêncio, mas aprender a formar uma resistência a um ruído tantas vezes ensurdecedor. A relutância de Sontag e de Carson em se associarem à doença converteu-se, entretanto, na obrigação, para as mulheres que a têm, de o fazerem a toda a hora.

Embora eu possa declarar, como fez Acker, não ser sentimental, esta frase une-me ao meu cancro da mama numa história, se não sentimental, pelo menos ideológica:

Fui diagnosticada com cancro da mama em 2014, aos 41 anos de idade.

O problema formal do cancro da mama é então, igualmente, um problema político. Uma história ideológica é sempre uma história que eu conto mesmo sem saber por que razão a devo contar. A frase acima, com o seu «eu» e o seu «cancro da mama», entra numa zona de «consciencialização» que se converte numa perigosa ubiquidade. Tal como descreve Jain, o silêncio já não é o maior obstáculo a encontrar a cura para o cancro da mama: «O por-toda-a-parte do cancro cai num lamaçal de parte-alguma.»¹⁷

Apenas uma classe de pessoas com cancro da mama é regularmente admitida na paisagem higienizada, lavada a cor-de-rosa¹⁸, da consciencialização: as pessoas que sobreviveram. A essas vitoriosas cabem os despojos narrativos. Contar a história do nosso cancro da mama é, supostamente, contar a história de como se «sobreviveu» por via de uma gestão-do-eu neoliberal — a narrativa trata de um indivíduo atomizado como-deve-ser, auto-examinado e mamografado, e da doença curada pela conformidade com as instruções dadas, por corridas de 5 kms, batidos

de verduras orgânicas e pensamento positivo. Como sublinha Ellen Leopold na sua história do cancro da mama, *A Darker Ribbon*, a ascensão do neoliberalismo na década de 1990 imprime uma mudança nas convenções narrativas do cancro da mama: «O mundo exterior é dado como adquirido, um pano de fundo contra o qual se desenrola o drama pessoal.»¹⁹

Escrever apenas sobre si próprio não é escrever *apenas* sobre a morte, mas, à luz das condições existentes, é escrever, mais concretamente, sobre um tipo de morte ou um estado próximo da morte onde não se admite qualquer política, acção colectiva ou história, num sentido mais amplo. A etiologia industrial do cancro da mama, as histórias e práticas misóginas e racistas da medicina, a incrível máquina de lucro capitalista e a distribuição desigual, por classe social, do sofrimento e da morte por cancro da mama são omitidas da forma literária agora costumeira. Escrever apenas sobre si próprio pode significar escrever sobre a morte, mas escrever sobre a morte é escrever sobre toda a gente. Como disse Lorde: «Tenho tatuada no coração uma lista de nomes de mulheres que não sobreviveram, e há sempre espaço para mais um, o meu.»²⁰

Em 1974, ano em que lhe foi diagnosticado o cancro da mama, Sontag escreve no seu diário: «O meu modo de pensar tem sido, até ao momento, ao mesmo tempo demasiado abstracto e demasiado concreto. Demasiado abstracto: a morte. Demasiado concreto: eu.» Ela admite, então, aquilo a que chama um meio-termo: «Ao mesmo tempo abstracto e concreto.» O termo — a meio caminho entre nós e a nossa morte, entre o abstracto e o concreto — é «mulheres». «E, por conseguinte», acrescenta Sontag, «todo um novo universo da morte se ergueu diante dos meus olhos.»²¹

OS INCUBANTES

1.

Quando o técnico sai da sala, volto a cabeça para o ecrã a tentar interpretar um possível neoplasma, os entrançados de nervos, as pequenas letras iluminadas em que porventura se escreve a minha patologia e/ou futuro, quem sabe o meu futuro fim. O primeiro tumor que vi era uma mancha escura naquele mesmo ecrã, uma forma redonda com um dedo comprido e escarpado que dela sobressaía. Da minha marquesa, tirei-lhe uma fotografia com o iPhone. Aquele tumor pertencia-me.

Fiquei a saber que estava doente no limiar entre os domínios da clínica e da sensação. Tinha o *top* verde, calças cortadas em calção e as sandálias que usava sempre no Verão — depois surpresa, depois retórica profissional, lúgubre e persuasiva, a preencher todo o ar condicionado em volta, aquela mulher séria, de fato cinzento, categórica quanto ao infortúnio, depois pânico pessoal, apuramentos clínicos, troca de mensagens de pasmo com as minhas amigas. Um investigador entra na minha vida com o traje de toda uma instituição social, diz que estão a iniciar uma investigação quanto às sensações que uma pessoa (eu) ainda não sentiu, mas há-de sentir.

Pegar numa série de objectos e acções de um dado sistema e reclassificá-los como elementos de um outro sistema é um exercício semelhante à adivinhação do futuro. Para um adivinho, os pássaros que voam para norte são indício de uma felicidade vindoura e as folhas de chá contam a história de dois amantes e de

um terceiro que os levará à desgraça. Na sequência disso, o voo dos pássaros vê-se livre do significado «migração» e, ao tornar-se uma fábula acerca do desfecho dos amantes, o chá deixa de ser algo que queremos beber.

Pegar numa coisa ou numa série de coisas de um sistema e reclassificá-las como elementos de um outro é um exercício semelhante ao diagnóstico, que pega na informação dos nossos corpos e reconfigura o que provém do nosso interior num sistema ditado a partir de um lugar distante. Outrora, o meu nódulo fez parte de um sistema de mim, mas, a partir do momento em que o radiologista lhe deu uma classificação de BI-RADS 5, tornou-se um tumor, doravante e para todo o sempre incorporado no sistema da oncologia.¹ À semelhança dos pássaros libertados do conteúdo do seu voo, e do chá igualmente libertado, uma pessoa diagnosticada vê-se livre daquilo que em tempos tomou por ela própria.

Uma pessoa ser classificada como *doente*, sem qualquer margem para dúvidas, quando se sente *bem*, é ser capturada pela intransigência da linguagem, sem que lhe seja dada sequer uma hora de doce incerteza na qual se possa retemperar, sofrendo por antecipação. Ou, dito de outro modo: *agora não tens uma solução para um problema, tens um nome concreto para uma vida partida ao meio*. Uma doença que nunca se deu ao trabalho de se anunciar aos sentidos irradia na vida do ecrã, tal como a luz é som, é informação encriptada, descriptada, circulada, analisada, avaliada, estudada e vendida. Nos servidores, a nossa saúde degrada-se ou melhora. Outrora adoecíamos nos nossos corpos. Agora adoecemos num corpo de luz.

Seja bem-vindo ao mundo dos sensores com nomes feitos de letras: MRI, TAC, PET. De abafadores auditivos postos, bata vestida, bata despida, braços para cima, braços para baixo, inspira, expira, sangue recolhido, corante injectado, sensor portátil dentro e fora, mover ou ser movida — a radiologia transforma uma pessoa, feita de carne e sentimentos, numa paciente, feita de luz e sombra. Há técnicos silenciosos, há estrondos, há cobertores aquecidos e sinais sonoros muito cinematográficos.

Numa clínica, uma imagem não é imagem: é *imagiologia*. Nós, que nos tornámos pacientes por via das ondas ondulantes e inertes dos sonogramas, de jogos de luzes e revelações em película,

de resplandecentes corantes injectáveis, seremos, pelo poder investido em mim pela lei universal de ter-um-corpo, doravante referidos como *imagiogénitos*. «Entrai em mim de bexiga cheia», dizem os técnicos aos *imagiogénitos*, ao telefone, querendo espreitar os nossos intrigantes interiores. O sonograma que é capaz de descobrir uma nova vida num útero pode também lá descobrir o embrião de uma morte.

Caímos na doença, e a nossa doença cai então sob a severa mão da ciência, cai em slides à luz de convictos microscópios, cai em mentiras caridosas, cai no reino da comiseração e das relações públicas, cai em novas páginas abertas no navegador da Internet e em novos livros na prateleira. E depois há este corpo (o meu corpo) que não é dado a incertezas, uma vida que abre o flanco à estranha terminologia da oncologia e depois, à beira da fenda aberta dessa linguagem, cai.

Há pessoas que se sentem mal nos seus corpos e nada fazem quanto a isso, e há pessoas que se sentem mal nos seus corpos e se limitam a submeter os seus sintomas a motores de busca. Depois há pessoas que se podem dar ao luxo de fazer circular as suas maleitas entre profissionais que lhes oferecem um leque de licitações diagnósticas. Este grupo de pessoas segue o trilho de um conjunto de sintomas de olhos postos numa promessa. Solicitam testes, questionam respostas, atravessam vastas distâncias para visitar especialistas na esperança de conseguir identificar o problema.

Se os sintomas circularem por tempo suficiente, uma série de queixas poderá vir a receber a mercê de um nome: uma doença, uma síndrome, uma sensibilidade, um termo de pesquisa. Por vezes isso é suficiente — como se nomear equivalesse a remediar. Por vezes, dar a uma pessoa uma palavra para designar o seu sofrimento é o único remédio para o mesmo.

Num mundo onde tanta gente se sente tão mal, há um estado comum de nos sentirmos doentes, um estado indiferenciado e indefinido que nos oferece, pelo menos, a pertença a uma comunidade do vago. Um desconforto que pede diagnóstico forma uma paisagem sensorial de estranhas dores e erupções cutâneas que se esquivam à categoria *doença*. O género de doença que não tem nome é aquele que se mantém em suspenso, ou que é

amplamente partilhado, ou que é empurrado para as vizinhanças da psiquiatria.

Um corpo que padece de um misterioso desconforto oferece-se à medicina na esperança de, em troca, receber um vocabulário através do qual possa falar do seu sofrimento. Se esse sofrimento não encontra uma linguagem adequada, os que o experienciam vêem-se obrigados a congregarem-se para a inventarem. Os doentes não diagnosticados desenvolveram toda uma literatura da doença não nomeada, e até uma poesia e uma narrativa da sua demanda de respostas. Afinam dietas em resposta ao fracasso da medicina, aplicam restrições ao seu estilo de vida e, nessa amálgama de refinada ingestão, protecção correctiva e inspecções profissionais rotativas, o bem-estar ou mal-estar vagueia para lá das fronteiras da medicina, esquivando-se tanto à doença como à cura.

O cancro, por seu lado, tem por hábito raramente aparecer sem aviso prévio. O cancro surge num enxame de especialistas e tecnologias especializadas. Chega por via de vigilância e certidão profissional. Os nossos sentidos pouco ou nada nos dizem da nossa doença, mas os médicos pedem-nos para acreditarmos que aquilo que não conseguimos ver ou sentir nos pode matar, e nós acreditamos.

«Eles dizem-me», contou-me um velhote na sala de infusão de quimioterapia, «que tenho cancro, mas», sussurrou ele, «tenho as minhas dúvidas.»

Mas nós sabíamos que algo estava errado, que o mundo estava (catastroficamente) errado, que nós estávamos (catastroficamente) errados, que alguma coisa (qualquer coisa) estava catastroficamente errada em toda a parte.

Estávamos doentes sob um verniz de perfeita saúde, e perfeitamente saudáveis num mundo doentio.

Estávamos sós, mas incapazes de formar os laços necessários para acabar com a nossa solidão.

Estávamos sobrecarregados de trabalho, mas inebriados de tanto trabalho que tínhamos.

Pensava que tinha ficado doente (por assim dizer), que estava indisposta (de espírito), que estava a desabar num acesso de faustianismo num mundo que era, ele próprio, um pacto com o diabo.

BIBLIOGRAFIA

- Acker, Kathy. «The Gift of Disease». *The Guardian*, 18 de Janeiro, 1997, p. T14.
- Arendt, Hannah et al. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- Aristides, Aelius; Charles A. Behr. *Aelius Aristides and the Sacred Tales*. Amsterdão: Hakkert, 1969.
- Avicenna e Shams C. Inati. *Ibn Sina's Remarks and Admonitions: Physics and metaphysics, an analysis and annotated translation*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2014.
- Bellamy, Dodie. *When the Sick Rule the World*. South Pasadena: Semiotext(e), 2015.
- Berkowitz, Amy. *Tender Points*. Oakland: Timeless Infinite Light, 2015.
- Biss, Eula. «The Pain Scale». *Harper's Magazine*, 2005.
- Brecht, Bertolt; Tom Kuhn; Steve Giles; Laura J.R. Bradley. *Brecht on Art and Politics*. Londres: Methuen, 2003.
- Burney, Fanny; Barbara G. Schrank; David J. Supino. *The Famous Miss Burney: The diaries and letters of Fanny Burney*. Nova Iorque: John Day, 1976.
- Burnham, John C. *What Is Medical History?* Cambridge: Polity, 2007.
- Cage, John. *A Year from Monday: New lectures and writings*. Middletown: Wesleyan University Press, 1969.
- Cazdyn, Eric M. *The Already Dead: The new time of politics, culture, and illness*. Durham: Duke University Press, 2012.
- Compton, D.G.; Jeff VanderMeer. *The Continuous Katherine Mortenboe*. Nova Iorque: New York Review of Books, 2016.
- Compton, Michael T. «The Union of Religion and Health in Ancient Asklepieia». *Journal of Religion and Health*, vol. 37, n.º 4, 1998.
- Di Prima, Diane. *Revolutionary Letters*. São Francisco: City Lights Books, 1974.
- Donne, John; Herbert J.C. Grierson. *The Poems of John Donne*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- Donne, John; Izaak Walton. *Devotions upon Emergent Occasions: And, death's duel*. Nova Iorque: Vintage Books, 1999.
- Dumas, Marlene; Mariska Berg. *Sweet Nothings: Notes and texts, 1982-2014*. Londres: Tate Publishing, 2015.
- Fenton, James; Alphonse Daudet; Julian Barnes. «In the Land of Pain». *The New York Review of Books*, vol. 50, n.º 2, 2003.
- Foucault, Michel. *The Birth of the Clinic*, 3.ª ed. Londres: Routledge, 2017.
- Gilman, Charlotte Perkins. *The Living of Charlotte Perkins Gilman: An autobiography*. Salem: Ayer, 1987.
- Ginzburg, Carlo. *Ecstasies: Deciphering the Witches' Sabbath*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- Ginzburg, Carlo; John Tedeschi; Anne C. Tedeschi. *Clues, Myths, and the Historical Method*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2013.

- Goethe, Johann W.; Charles T. Brooks. *Faust: A Tragedy*. Boston: Houghton, Osgood and Co., 1880.
- Israelowich, Ido. *Society, Medicine and Religion in the Sacred Tales of Aelius Aristides*. Leiden: Brill, 2012.
- Jain, S. Lochlann. *Malignant: How cancer becomes us*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- James, Alice; Leon Edel. *The Diary of Alice James*. Boston: Northeastern University Press, 1999.
- King, Samantha. *Pink Ribbons, Inc: Breast cancer and the politics of philanthropy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.
- Kraus, Chris. *After Kathy Acker: A biography*. Londres: Penguin Books, 2018.
- Leopold, Ellen. *A Darker Ribbon: Breast cancer, women, and their doctors in the twentieth century*. Boston: Beacon Press, 2000.
- Levinas, Emmanuel; Seán Hand. *The Levinas Reader*. Malden: Blackwell, 2009.
- Lispector, Clarice; Stefan Tobler; Benjamin Moser. *Água Viva*. Londres: Penguin Classics, 2014.
- Lorax, Nicole. *Tragic Ways of Killing a Woman*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- Lord, Catherine. *The Summer of Her Baldness: A cancer improvisation*. Austin: University of Texas Press, 2004.
- Lorde, Audre. *The Audre Lorde Compendium: Essays, speeches, and journals*. Londres: Pandora, 1996.
- Lorde, Audre. *The Cancer Journals*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2006.
- Lorde, Audre; Rudolph P. Byrd. *I Am Your Sister: Collected and unpublished writings of Audre Lorde*. Singapura: Oxford University Press, 2011.
- Lucretius; Rolfe Humphries. *The Way Things Are: The «De rerum natura» of Titus Lucretius Carus*. Bloomington: Indiana University Press, 1968.
- Martineau, Harriet. *Life in the Sick-Room: Essays, by an invalid*. 3.^a ed. Londres: Edward Moxon, 1849.
- Matteson, John. *The Lives of Margaret Fuller: A biography*. Nova Iorque: W.W. Norton, 2013.
- Mukherjee, Siddhartha. *The Emperor of All Maladies*. Londres: Harper Collins, 2017.
- Pearcy, Lee T. «Theme, Dream, and Narrative: Reading the Sacred Tales of Aelius Aristides». *Transactions of the American Philological Association (1974-)*, vol. 118, 1988.
- Petsalēs-Diomēdēs, Alexia. «Truly Beyond Wonders»: *Aelius Aristides and the cult of Asklepios*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- Peyroux, Cathérine. «The Leper's Kiss». In *Monks & Nuns, Saints & Outcasts: Religion in Medieval Society. Essays in honor of Lester K. Little*, ed. Sharon Farmer e Barbara H. Rosenwein. Ítaca: Cornell University Press, 2000.
- Plutarchus; Christopher B.R. Pelling. *Life of Antony*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- Rettig, Richard A. *False Hope: Bone marrow transplantation for breast cancer*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- Rey, Roselyne. *The History of Pain*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- Rousseau, Jean-Jacques et al. *The First and Second Discourses Together with the Replies to Critics; and, Essay on the Origin of Languages*. Nova Iorque: Harper & Row, 1986.
- Scarry, Elaine. *The Body in Pain: The making and unmaking of the world*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1985.
- Schulman, Sarah. *Gentrification of the Mind: Witness to a lost imagination*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- Sedgwick, Eve Kosofsky. *A Dialogue on Love*. Boston: Beacon Press, 2006.
- Sontag, Susan. *Illness As Metaphor*. Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1978.
- Sontag, Susan; David Rieff. *As Consciousness Is Harnessed to Flesh: Journals and notebooks, 1964 — 1980*. Nova Iorque: Picador, 2013.
- SPK (Socialist Patients' Collective). *Turn Illness into a Weapon: For agitation*. Heidelberg: KRRIM, 1993.
- Stephens, John. *The Dreams and Visions of Aelius Aristides: A case-study in the history of religions*. Piscataway: Gorgias Press, 2013.
- Susann, Jacqueline. *Valley of the Dolls: A novel*. Nova Iorque: Bantam Books, 1966.
- Wolf, Virginia; Julia D. Stephen; Hermione Lee; Mark Hussey; Rita Charon. *On Being Ill*. Ashfield: Paris Press, 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas cujo cuidado, diálogo, encorajamento, comentários e exemplo ajudaram a tornar este livro possível, em particular a CA Conrad, Louis-Georges Schwartz, Jonathan Kissam, Erin Morril, Juliana Spahr, Dana Ward, Jasper Bernes, Daniel Spaulding, Sandra Simonds, Magdalena Zurawski, David Buuck, Anthony Iles, Jenny Diski, Ariana Reines, Carolyn Lazard, Dan Hoy, Amalle Dublon, Emma Heaney, Evan Calder-Williams, Jonah Criswell, Cyrus Console-Soicon, Jordan Stempleman, Phyllis Moore, Jonathan Lethem, Josh Honn, Frank Sherlock, Lauren Levin, Aaron Kunin, Hari Kunzru, Natalia Cecire, Jace Clayton, Lisa Robertson, Lyn Hejinian, Joanna Hedva, Sampson Starkweather, Constantina Zavitsanos, Malcolm Harris, Ed Luker, Jacob Bard-Rosenberg, Melissa Flashman e Jeremy M. Davies, L.E. Long, Cara Lefebvre, Cassandra Gillig e Hazel Carson merecem um agradecimento especial. A maior parte do que este livro tem de bom a elas se deve. Quero ainda agradecer a todos os trabalhadores que ajudaram a cuidar de mim durante a minha doença, aos técnicos, enfermeiros, auxiliares, médicos, recepcionistas, funcionários de limpeza, IMEs, e outros que contribuíram para me manter segura e calma ao longo desta experiência penosa.

Alguns destes textos, ou partes deles, apareceram em publicações como: *The New Inquiry*, o blogue *Harriet* (da Poetry Foundation), *Litmus*, *Swimmers* e *Guernica*. O capítulo «Vida Consumida» («Wasted Life») fez parte de um projecto encomendado pela EMPAC para uma exposição de Patricia Lennox-Boyd. Parte do que escrevi e pensei sobre a ideia

de «cuidados» surgiu no contexto de uma palestra dada na conferência da British Columbia Nurses' Union, em 2015, e parte do que escrevi sobre Kathy Acker, de uma palestra dada num evento no centro CUNY, a propósito da obra *After Kathy Acker*, de Chris Kraus. Quero agradecer a estes editores e aos organizadores destes eventos, que me ajudaram a partilhar este trabalho com o mundo.

Muito do que pensei surgiu igualmente de conversas em redes sociais, por *e-mail*, e na sequência de leituras e eventos, e quero agradecer a todos os meus generosos interlocutores — muitos dos quais viveram experiências semelhantes à minha, de doença ou de deficiência — por me terem dado a oportunidade de, com eles, ir compreendendo melhor o mundo. Quero também agradecer aos milhares de pessoas que compõem as comunidades *online* que se foram criando em torno do cancro da mama. Os seus *e-mails*, publicações no Facebook, *tweets*, *vlogs* e contribuições nos fóruns de discussão — todos oferecidos gratuitamente e com vista a ajudar os outros — foram indispensáveis para eu compreender a experiência que atravessava. Agradeço, em particular, àquelas que partilharam as suas vidas em vídeo, como Coopdizzle e Christina Newman: tiveram um impacto profundo em mim, tanto durante como depois do meu tratamento.

Este trabalho só foi possível com o apoio financeiro dos «fundos de desenvolvimento» do Kansas City Art Institute e uma Bolsa Philip Whalen atribuída pela organização Poets in Need. Quero ainda agradecer à Whiting Foundation, à Foundation for Contemporary Arts e ao fundo Judith E. Wilson da Universidade de Cambridge por reconhecerem o meu trabalho e me oferecerem o apoio material necessário para a conclusão deste livro.

AS QUE NÃO MORREM

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel coral book de 80 g,
em Setembro de 2021.

